

UMA TRADIÇÃO DE PÉ

Polícia protege pela 1.^a vez o desfile do Chave de Ouro

Soldados com viseira e usando bombas de gás tentaram sem sucesso impedir a saída do bloco

O Chave de Ouro saiu este ano liderado pelo próprio delegado

Os integrantes do Chave de Ouro despistaram a polícia e o bloco saiu, mantendo a tradição.

O BLOCO CHAVE DE OURO NOS TEMPOS DA DITADURA MILITAR: a trajetória de um rebelde folião!

Giuliana Caetano

carnaval ditadura
cultura popular censura

Trajétória do bloco Chave de Ouro e seu tradicional desfile, às quartas-feiras de cinzas, no carnaval carioca. Perseguidos pela polícia, seus foliões transformam o bloco num centro de resistência e rebeldia, sob intensa pancadaria. Com base em registros jornalísticos, foram levantados enfrentamento e adversidades que confirmam as regras da festa carnavalesca: liberdade, alegria e inversão cotidiana.

Chave de Cadeia

O bloco Chave de Ouro há vários anos insiste em desfilar na quarta-feira de cinzas e toda vez paga caro na sua devoção a Momo. Este ano pra variar, a Polícia desceu o pau no lombo do pessoal do Chave de Ouro. Dizem que a turma apanhava sambando e cantando em coro: “Olha o pau! Olha o pau!”

O *Jornal do Brasil* e o *Correio da Manhã*, em suas edições de 29 de fevereiro de 1968, noticiavam táticas de guerrilha adotadas pelos foliões. Em 20 de fevereiro de 1969 o JB informava o uso de gás lacrimogêneo do Dops² para conter e impedir que o bloco desfilasse; o título, “CHAVE DE OURO SAI EM LUTA CONTRA O LACRIMOGÊNICO DO DOPS”, sinalizava um fato recorrente.

Ainda nessa edição destacava-se que o Chave de Ouro conseguira burlar forte aparato policial e desfilara em grupos pequenos. Houve choque entre policiais, populares e fotógrafos, duas prisões e muitas bombas de gás lançadas pelo Dops. Entre os integrantes do Chave de Ouro detidos estava um rapaz de nome Sérgio, que se identificou como tenente aspirante do CPOR.³ Apesar disso, segundo o

CHAVE DE OURO CARNIVAL BLOCK DURING THE MILITARY DICTATORSHIP: THE STORY OF A REBEL REVELER! | *The history of the block Chave de Ouro [key of gold] and its traditional parade on the Ash Wednesday of Rio Carnival. Persecuted by the police, the block's revelers made it a focus of resistance and rebellion, confronting violent brawls. Based on press cuttings, adversities and confrontation were analyzed to confirm the rules of carnival festivities: freedom, joy and a makeover of everyday life. | Carnival, dictatorship, folk culture, censorship.*

Fragments de notícias em jornais do bloco Chave de Ouro



Soldados com viscira e usando bombas de gás tentaram sem sucesso impedir a saída do bloco

Lacrimogêneo do DOPS Fonte *Jornal do Brasil*, 12 de fevereiro de 1970, p.1

periódico, foi “metido dentro de uma viatura policial”.⁴ Sobre a violência utilizada pelos policiais, o jornal informa que o tenente que os comandava lhes pediu calma e os proibiu de usar o cassetete indiscriminadamente.

A história desse bloco é a de um movimento cultural contestatório das medidas de proibição, derivadas da junção Igreja-Estado, impostas pela polícia. Não sendo legalizado e desfilando na quarta-feira, dia em que eram proibidas quaisquer manifestações carnavalescas, era tratado como organização criminosa pelos vigilantes.

O bloco Chave de Ouro leva o nome de um bairro extraoficial, no subúrbio do Rio de Janeiro, localizado entre Méier e Engenho de Dentro. De acordo com o depoimento de um caixeiro ao *Jornal do*

Brasil de 12 de fevereiro de 1971, o bairro herdara o nome de uma padaria – a maior do subúrbio, dizia ele – aberta, num largo, há mais ou menos 40 anos a contar daquela data, por um “patrício”. De acordo com o caixeiro, depois o nome pegou, e toda aquela parte do Engenho de Dentro passou a ter o nome da padaria.

Os foliões desfilavam, normalmente, ao meio-dia da quarta-feira de cinzas, duramente reprimidos por policiais e tendo, muitas vezes, contra o desfile, comerciantes, que perderiam a clientela, graças à confusão com a polícia, e teriam seu patrimônio depredado.

Com o endurecimento da censura e o controle dos meios de expressão popular, na década de 1960, típicos de regime autoritário, o período ditatorial brasileiro tem em si inserida a fragilidade cultural

e política de seu governo. O recorte aqui apresentado foi escolhido em função da particularidade do governo militar em caracterizar qualquer tipo de contrariedade à polícia como subversão e, portanto, dotado de consciência política, tendo, assim, necessariamente que ser coibido. Embora a repressão ao desfile desse bloco ocorra desde a época de sua criação, a questão da liberdade de expressão, dentro do recorte temporal aqui proposto, vai adquirir um caráter de proibição jamais visto na história brasileira. O ato de ir de encontro à lógica policial vai fazer com que a visão dos militares quanto a esse bloco sofra uma mudança com relação aos anos anteriores. Naquele período, quaisquer que fossem as manifestações contrárias à polícia, além de contraventoras, também eram consideradas manifestações subversivas, ainda que o cunho político não fosse claramente revelado.

A partir do estudo da censura ao carnaval, chegou-se a esse caso particular no Engenho de Dentro. O Chave de Ouro foi analisado em função de ser exemplo perfeito de uma festa contestatória, mesmo que indireta ou sem intenção de questionamento político, do regime militar. Tendo por base a análise da festa carnavalesca durante esse período de governo e a perseguição a essa festa, essa escolha constitui a melhor expressão da censura ao carnaval popular da época. A correria da polícia e a insistência em desfilar, ano a ano, podem ser consideradas exemplo da resistência de um dos meios de expressão popular.

Compreende-se então o desfile do bloco Chave de Ouro como uma festa carnavalesca; um espaço de tensão política em que há conflito de ideias, identificando-se as bases para esta afirmação na trajetória da instituição. Há, então, um diálogo entre espaço/poder/festa e esse caso específico do carnaval do subúrbio carioca, duramente reprimido pelo regime militar brasileiro.

Para definir o Chave de Ouro no período ditatorial, além de pesquisa bibliográfica, foram analisados alguns dos principais jornais que circulavam na cidade do Rio de Janeiro no período de 1964 a 1972 – *Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã*, *Última Hora* e *O Globo*, consultados na Fundação Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro –, focalizando a forma como se expressavam com relação ao desfile daquele bloco.

Poucos relatos inéditos foram encontrados sobre essa agremiação, o que não inviabilizou o processo de identificação de suas atividades e a atuação de seus agentes. Reunindo informações dos periódicos e bibliográficas e as somando a depoimentos e entrevistas, estabeleceu-se breve histórico, que amplia a compreensão desse bloco.

Com relação à data de criação do bloco, as 14 edições de jornais analisados traçam um panorama de possibilidades entre 1933 e 1952, o que dificulta precisar a informação. Desses 14, sete jornais revelam 1942 como o ano mais provável e quatro 1940, 1943, 1945 e 1946, somando, portanto, 11 registros de início do bloco nos anos 40, o que demanda atenção especial para esse período.

Um dos motivos pelos quais as datas de criação são divergentes pode ser explicitado na não oficialização do bloco até sua liberação, só permitida graças ao bloco ter um responsável legal junto à Secretaria de Segurança. Sem qualquer documento oficial ou registro de início, o noticiado nos jornais depende diretamente dos depoimentos dos moradores do bairro ou dos fundadores do bloco.

De acordo com Herminio Marques, morador do bairro e atual diretor do bloco, em entrevista a Omar Blanco,⁵ o Chave de Ouro foi fundado na década de 1940 dentro de um cinema do Engenho de Dentro, o Cine Engenho de Dentro, hoje

substituído por um prédio dos correios, o que confirma as versões de Araújo⁶, Costa⁷ e Pimentel.⁸ Na quarta-feira de cinzas aquela sala costumava exibir filmes de carnaval, até que um morador local, chamado de Zé Macaco, ali entrou com um surdo a fim de acompanhar a exibição, sendo então seguido por outros instrumentistas.

Segundo as edições do *Jornal do Brasil* de 10 de fevereiro de 1972, 24 de fevereiro de 1966 e 13 de fevereiro de 1971, Macaco, um alfaiate conhecido na região, lamentava o fim da folia. Fazia hora para a sessão do Cine Engenho de Dentro, que exibia dois filmes na quarta-feira, um deles sobre carnaval. Segundo o JB de 1972, quando faltou luz no cinema, a rapaziada improvisou uma batucada nas cadeiras de madeira. Então, o lanterninha do cinema, Azeitona, que tocava surdo no carnaval e tinha emendado da folia para o trabalho, pegou o surdo que havia deixado na sala da gerência e acompanhou o ritmo da batucada nas cadeiras. Terminado o filme, os espectadores continuaram a batucada rua afora, até o grupo se dispersar. Azeitona foi demitido no dia seguinte, e o dono do cinema, com a “pulga atrás da orelha”, ficou à espera do próximo carnaval.

O bloco não era composto apenas de moradores das imediações do cinema, como afirma Pimentel, mas de pessoas residentes nas ruas Adolfo Bergamini, Dias da Cruz e outras do Engenho de Dentro, além de alguns foliões de outros bairros. Segundo a edição do *Correio da Manhã* de 24 de fevereiro de 1966, o Chave de Ouro tinha ajuda do comércio local e desfilava durante algumas horas.

Segundo o atual diretor do bloco, Sr. Herminio, “todos gingavam, sambavam e vinham pra rua”,⁹ onde havia confronto com a polícia. Conta ele também que, desde seus primeiros desfiles, o bloco levava um caixão com nomes de pessoas da vida

pública, ou até mesmo política, porém simbolizando o fim do carnaval e seu enterro no ano vigente.

Tratando-se a festa como um espaço de tensão, e cuja atuação será delimitada pela convenção social, identificaram-se, nos jornais, diversos pensamentos divergentes e similares dentro dos grupos analisados. Há que ser levado em consideração o fato de que não há categoria rígida nesses grupos (moradores, policiais e comerciantes), e suas divergentes opiniões aparecem transitando entre favoráveis e contrárias à saída do bloco, mesmo que a maioria, os policiais, por exemplo, fosse desfavorável.

Este artigo trata também da aplicação do conceito de festa enquanto espaço de tensão política e, portanto, da identificação das vozes presentes nos relatos jornalísticos, dos diversos grupos inseridos no Chave de Ouro, das tradicionais convenções da festa carnavalesca do subúrbio.

Importa destacar que o posicionamento da maior parte das matérias publicadas nos jornais é favorável à saída do bloco, desde os anos iniciais. Com relação aos moradores, a postura não é diferente – uma senhora do bairro define o Chave de Ouro como “um bloco todo de família”¹⁰ –, mas vai além, emprestando-lhe presença e apoio, bem como abrigando os foliões quando do confronto com a polícia. Algumas táticas para garantir a saída do bloco também contavam com a participação dos habitantes do bairro:

Minutos após a polícia se retirava ao som de uma bateria que de cima de um telhado voltava a rufar, enquanto alguns moradores, baixinho, cantavam a música-enredo do bloco:

‘Com briga não se arruma nada,/O nosso bloco é mesmo de amargar,/O bloco sai, a polícia não quer, a polícia não quer, ô, ô...’¹¹

Analisando o relato do *Jornal do Brasil*, o fato de alguns foliões tocarem sua bateria em cima de um telhado pressupõe a existência de uma casa e sua abertura pelo morador à atuação dos foliões. Ainda nesse recorte, verifica-se atuação mais específica de alguns dos residentes, que, de acordo com o jornal, cantavam a música do bloco daquele ano, mostrando sua posição favorável ao desfile.



Tradição de pé Fonte *Jornal do Brasil*, 29 de fevereiro de 1968: 20

Outra marca dessa participação na fuga e expressão de contrariedade à atuação da polícia é verificada no trecho a seguir. Além da clara expressão da utilização das residências como rota de fuga, o posicionamento de grande parte da população que residia no Engenho de Dentro está estabelecido no diálogo entre uma moradora e um policial:

Outro homem consegue invadir a residência apavorado, e foge pelos fundos. A PM se concentra em frente à casa. Populares são afastados a cassetetes. O homem (um escuro) que a PM prendeu é agredido e preso na Radiopatrulha 8-191. Os moradores ficam revoltados.

Uma senhora se aproxima e diz:

– Moço não precisa bater tanto assim, que covardia, ele estava apenas brincando.

– A senhora passou o carnaval todo dormindo, eu fiquei acordado para zelar pela segurança da cidade, comigo é na lei do cão, carnaval já acabou e eu não brinquei nada.¹²

Além de forte presença nas fugas, os moradores tinham participação quase ativa nos desfiles do Chave de Ouro. De ano em ano, os jornais noticiavam a presença deles e outras pessoas no público espectador do bloco: “populares que se encontravam nas imediações passaram a se deslocar para as ruas adjacentes à Adolfo Bergamini e, por etapas, deram início ao desfile do bloco”. E, como todo público fiel, “Assim que a PM voltou a seus carros, os moradores voltaram a reunir-se nas ruas, novamente prejudicando o trânsito”.¹³

De maneira indireta, os habitantes daquela região possibilitavam a saída do bloco e dificultavam o controle da polícia. O tumulto causado pelo público era tamanho, que chegava a ponto de atrapalhar o trânsito da cidade, o que facilitava a fuga das pessoas. Em meio à confusão de público de mais de dez mil pessoas – de acordo com o Cor-



O Chave de Ouro saiu este ano liderado pelo próprio delegado

Polícia protege pela 1.^a vez o desfile do Chave de Ouro

Desfile liberado. Fonte *Jornal do Brasil*, 17 de fevereiro de 1972, p.25

reio da Manhã de 17 de fevereiro de 1971 –, era difícil aos policiais controlar algo.

De qualquer maneira, a chegada da polícia ao local não causava mais espanto ou surpresa alguma aos moradores, já acostumados a vê-la em ocasiões anteriores. E, de fato, não haveria motivo para esperar surpresa, visto que, em diversos relatos, o cassetete da PM sobrava para todos, incluindo quem nada tinha a ver com o bloco: “os policiais começaram a espancar os presentes e pessoas

que nada tinham a ver com desfile entre elas um rapaz que tem uma das pernas defeituosa – foi espancado por 12 policiais da PM”.¹⁴

O papel fundamental dos residentes locais, porém, não estava no empréstimo das casas para rota de fuga nem em sua visão contrária à atuação dos policiais, mas na divulgação do bloco. Sendo o boca a boca a principal forma de divulgação dos desfiles, locais de concentração etc. o Chave de Ouro quase dependia dos populares presentes nos locais para que o público espectador acompanhasse seu desfile, ou tentativa.

Segundo o depoimento do Sr. Acyr Pereira de Melo, morador antigo do bairro e um dos fundadores do bloco, conhecido e tratado pelo apelido de Barbante, a maior parte dos moradores era favorável à saída do bloco.

Afirma, porém, que “tem gente que não gosta nem de doce”, referindo-se à possibilidade de existir pessoas que não gostam do que a maioria gosta. Isso revela uma parte da população local, que era contrária à saída do bloco, embora sua presença não tenha sido identificada nos periódicos analisados.

De acordo com Barbante, a maioria das casas ficava aberta, os foliões entravam em qualquer uma, e a comoção era geral. Quem pudesse esconder os participantes do bloco fazia isso.

Sobre a visão do comércio, há duas relações expressas. Uma parte dos comerciantes declarava nada ter contra o bloco e até reclamava da polícia, contribuindo, aliás, para a fuga dos participantes. A parte favorável do comércio incluía a tentativa de postergar o confronto com a polícia. De acordo com Barbante, o dono de uma das farmácias que ali funcionavam na época nem deixava a polícia entrar, já que diversos foliões se escondiam no local. A documentação de faixa em que se lê “Santana Alfaiate sauda os foliões do Chave de Ouro” atesta o apoio do comércio.

Outra parte dos comerciantes, entretanto, era contrária à atuação do bloco. Essa parcela era visada pelos rapazes do bloco, uma vez que o carnaval local era produzido pelos mesmos participantes que desfilavam na quarta-feira. Aqueles comerciantes que não ajudavam no carnaval local tinham seus nomes colocados no caixão do Chave de Ouro e eram vítimas de gozações, como mostra o trecho a seguir: “Por outro lado, os comerciantes que são visados pela turma do bloco, vítimas de gozação e impropérios, buscam por todos os meios fomentar a guerra com a polícia, dizendo que são vítimas de quebras e que têm prejuízos generalizados”.¹⁵

Sob o mesmo ponto de vista, em 1964, o *Jornal do Brasil* noticiava que a Polícia Militar, naquele ano, teve que fazer uso de quatro choques para dispersar o Chave de Ouro, que desfilava “com cartazes de crítica política e disposição de deprender os estabelecimentos comerciais que não colaboram com o carnaval do bairro”.¹⁶

De acordo com o *Jornal do Brasil* de 12 de fevereiro de 1970, sob o título “COMÉRCIO PEDIU”, “O secretário de segurança general Luís França de Oliveira afirmou que todos os anos a polícia vem recebendo solicitações ‘para que seja impedido o

vandalismo, as ameaças e as chantagens de determinados elementos integrantes do grupo”.¹⁷

Na perspectiva das autoridades, então, o vandalismo do Chave de Ouro desrespeitava a lei e a ordem, e, por depredar casas comerciais, o bloco deveria ser proibido de sair. Outro argumento que consta no *Jornal do Brasil* de 29 de fevereiro de 1968 é o de que, além de o bloco não ser legalizado, seus integrantes ofenderiam os moradores do bairro, cantando músicas obscenas.

O *Correio da Manhã* informa que a visão da polícia é no sentido de que “a intenção do pessoal que organiza é prejudicar os comerciantes que não deram dinheiro para o carnaval e isso a polícia não pode permitir”.¹⁸ No ano seguinte, o general Luis França, secretário de Segurança, declarou ao mesmo periódico: “o Bloco Chave de Ouro, que sai na Quarta-Feira de Cinzas, do Engenho de Dentro, poderia se transformar em mais uma atração do nosso Carnaval, se houvesse um responsável pela saída do bloco. O general França disse nada ter contra o bloco, mas que não pode tolerar o desrespeito à lei e à ordem”.¹⁹

Ainda a respeito da visão da polícia e das autoridades, em 1967 trata-se de um motivo até então não noticiado. Após confusão entre polícia e participantes, numa verdadeira operação de guerra montada pela PM para impedir o bloco de desfilar, com os ânimos exaltados, chegou ao local o chefe de Relações da corporação, capitão Jorge Francisco de Paula, pedindo calma aos mais assustados. Reunindo os líderes do Chave de Ouro e tentando entrar em entendimento com seus superiores, não conseguiu permitir a saída do bloco, já que eles alegaram que o carnaval já havia terminado no dia anterior e que a quarta-feira deveria ser respeitada por marcar o início da Quaresma. De acordo com entrevista concedida por Acyr Pereira

de Mello, o Barbante, o motivo da polícia era sempre pela causa religiosa. Em sua opinião, o carnaval terminava rigorosamente na terça-feira à meia-noite, e, de acordo com a polícia, o dia deveria ser de resguardo. Antes do Chave de Ouro, ele informa, existira o extinto Bloco da Vela, não noticiado e duramente reprimido pela polícia, pois saía exatamente à zero hora da quarta-feira.

Nesse sentido, além de o Chave de Ouro ser marginalizado e seus participantes tratados como perturbadores da ordem pública, seu desfile desrespeitava também a marca religiosa presente no país. Embora não mais Estado religioso desde 1889, o país ainda guardava grandes relações com a Igreja católica, tratando a quarta-feira como o primeiro dia de penitência e início da quaresma, quando já não deveria mais haver nenhum tipo de festejo carnavalesco. Vale ressaltar ainda que as leis brasileiras foram baseadas num Estado em que a relação Igreja/Estado era bastante estreita.

Essa relação também é encontrada no fato de o bloco utilizar um caixão, simbolizando um ritual fúnebre, também proveniente das religiões judaico-cristãs, como o caso do catolicismo.

Claramente contrária ao desfile do bloco, a polícia, aparentemente, não contava com cem por cento de seu contingente quando se tratava da repressão ao Chave de Ouro. De acordo com o *Jornal do Brasil*, os participantes saíram, em 1968, cantando paródias das músicas, enfrentando os soldados comandados pelo capitão Paulo Ramalho, antigo participante do Chave de Ouro.

De acordo com Barbante, que também era militar, muitos outros da região saíram no Chave de Ouro, entre eles um capitão e um coronel. Este último, na época, era o cadete Ivan, e, em certa ocasião, também foi preso pela polícia. Em 1970, segundo

o JB, ratificando o depoimento de Barbante, um aspirante do CPOR também foi preso no desfile do Chave de Ouro. Diferentemente do cadete Ivan, Barbante nunca foi preso, mas já levou muita pancada com o cassetete de borracha: “Machucava mais que pau. Aquilo quando pegava, meu amigo, fazia um lanho nas costas”, disse o depoente.

Barbante em si já é um grande paradigma e revela uma parte dos oficiais que eram favoráveis à saída do bloco. Outro fundador do Chave de Ouro, militar e membro do Corpo de Bombeiros, conta que não havia, entre os participantes, distinção entre militares e civis. De acordo com seu depoimento, entre os presos de certa ocasião estavam capitães, tenentes e diversos outros, que eram integrantes das forças armadas e também moradores da região, e saíam no bloco quando não estavam a serviço de suas corporações.

O Chave de Ouro teve seus desfiles liberados em 1972, e a edição de 17 de fevereiro do *Jornal do Brasil* mostra foto de sua primeira saída às ruas sem briga com a polícia e até com seu apoio, bem como do delegado Gomes Sobrinho e do administrador regional Gélson Guilherme dos Santos. O abre-alas, de acordo com o jornal, ficou por conta de dois carros da polícia.

Muitos ficaram descontentes. Achavam que o Chave de Ouro tinha perdido seu propósito, quebrando a tradição de mais de 30 anos, e perdendo, por isso, sua razão de ser. “Entre os descontentes, estavam diversas senhoras que afirmaram se divertir muito mais com o ‘pau comendo’ do que com discursos”.²⁰

Esse bloco revelava, enquanto festa, uma ruptura parcial no cotidiano do bairro do Engenho de Dentro, em que o diálogo entre espaço, poder e festa ficava expresso. Ano após ano, a polícia, agente do governo, tentava manter o sistema

simbólico, a lei e a ordem, mesmo nos dias da folia, embora os foliões tentassem fazer o contrário.

A partir da perspectiva histórica traçada em conjunto com os depoimentos, pôde-se identificar as diferentes vozes presentes nos discursos, que caracterizavam o Chave de Ouro enquanto festa, apesar de com um quê de manifestação política. A festa *a priori*, que não havia sido criada para ser consumida como espetáculo, como sugere Rosa,²¹ incluía milhares de seguidores ano a ano e, com isso, atrelada ao endurecimento do regime militar, maiores eram a repressão da polícia e seu aparato. Numa eterna disputa, havia a tentativa de reafirmar hegemonia por parte da polícia e a dos foliões, que tentavam reconquistar os espaços por ela interditados.

Como visto, o imaginário produzido por esse bloco remete a uma época em que a produção de cultura era vinculada aos ideais do Estado e controlada por ele. Essa situação de proibição fazia com que a maior parte dos foliões do Chave de Ouro, ou dos moradores locais, fosse adepta de sua saída, numa conjunção de elementos que facilitassem seu desfile, ainda que ele durasse apenas três minutos. De uma coisa os moradores tinham certeza: não importava, por maior que fosse, o aparato policial; o bloco arranjaría um jeito de desfilar, para desgosto da polícia, das autoridades e de uma parte dos comerciantes ou de quem quer que fosse.

Notas

- 1 *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 9.3.1965, Segundo Caderno: 2.
- 2 Departamento de Ordem Pública e Social.
- 3 Curso Preparatório de Oficiais da Reserva.
- 4 *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20.2.1969: 1.

5 Disponível em <https://terraypraxis.wordpress.com/2013/02/24/o-bloco-carnavalesco-chave-de-ouro-2/>, acesso em 19/12/2013.

6 Araújo, Hiram. *Carnaval – seis milênios de história*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2003.

7 Costa, Haroldo. *100 anos de carnaval no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Irmãos Vitale, 2001.

8 Pimentel, João. *Blocos – uma história informal do carnaval de rua*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Coleção Arenas do Rio. 2002.

9 Disponível em <https://terraypraxis.wordpress.com/2013/02/24/o-bloco-carnavalesco-chave-de-ouro-2/>, acesso em 19.12.2013.

10 *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24.2.1966: 5.

11 *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20.2.1969: 5.

12 *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 20.2.1969: 3.

13 *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9.2.1967.

14 *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 24.2.1966: 3.

15 *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 17.2.1971: 13.

16 *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13.2.1964: 5.

17 *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12.2.1970: 3.

18 *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 13.2.1970: 6.

19 *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 25.2.1971: 12.

20 *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 17.2.1972: 4.

21 Rosa, Maria Cristina (Org.). *Festa, lazer e cultura*. São Paulo: Papirus Ed, 2002.

Giuliana Caetano é artista, licenciada em artes plásticas, mestre em artes visuais pela EBA/UFRJ com bolsa Capes. Este texto é parte da dissertação defendida em abril de 2015, com orientação da professora doutora Helenise Guimarães.